

TRADUÇÃO: EXCERTO DE *ASSEMBLEIA DE MULHERES*, DE ARISTÓFANES

Ana Maria César Pompeu*

Assembleia de mulheres (393/2 a.C.) é a décima peça que nos chegou de Aristófanes, único comediógrafo da Comédia Antiga Grega que nos deixou textos completos (onze comédias, das aproximadamente quarenta que teria composto). É, no entanto, a primeira do século IV a.C. e apresenta modificações formais importantes em relação às comédias do século V a.C., fazendo uma transição para a Comédia Intermediária ou Média Grega.

As principais mudanças se dão na participação do coro, que, apesar de dar nome à peça, *Ekklesiazousai*, “As mulheres que se reúnem em assembleia”, tem uma substancial redução nas intervenções. É a primeira peça que não traz a parábase, longo interlúdio coral em que o poeta, através do coro, se dirigia ao público do teatro ateniense, aconselhando-o, censurando-o, fazendo o próprio elogio em relação aos concorrentes e pedindo o voto, pois se tratava de um concurso de comédias, no festival de Dioniso. O coro se dirigia aos atenienses, em nome do poeta, nas comédias de primeira fase (*Acarnenses*, *Cavaleiros*, *Nuvens*, *Vespas* e *Paz*), ou em seu próprio nome, nas comédias da segunda fase (*Aves*, *Lisístrata*, *Tesmoforiantes* e *Rãs*).

O enredo: Praxágoras, a protagonista, havia combinado com as outras mulheres em um festival feminino, Ciros, que elas conseguiriam barbas postiças, as roupas de seus maridos e tentariam tomar um pouco mais de sol, para ficarem menos brancas e parecerem mais com homens, enfim, elas deveriam se disfarçar de homens para participar da Assembleia popular, que era interdita às mulheres. Lá elas propõem entregar o governo da cidade para as mulheres e votariam pela aprovação da proposta. Tudo corre de acordo com o que combinaram, e elas promovem uma verdadeira comunhão de bens entre todos os cidadãos de Atenas. A comunhão, no entanto, atinge também a família, pois não haverá mais mulheres e filhos para cada cidadão individualmente, mas para todos. As mulheres serão comuns a todos os homens. Haverá prioridade para os feios e as feias sobre os belos, nas questões sexuais. Não haverá reconhecimento dos pais pelos filhos, as crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso. Também não haverá mais questões judiciais, pois ninguém terá necessidade de contrair dívidas ou de roubar.

O livro V da *República* de Platão reproduz quase exatamente algumas ideias ridicularizadas na *Assembleia de mulheres*: a comunidade de bens, de mulheres e filhos. A indicação de que Platão possa estar se referindo ao texto de Aristófanes aparece na introdução desse tema em que ele faz um comentário sobre o ridículo. Sócrates afirma que depois de delimitar o papel dos homens, tratará do das mulheres, ele utiliza as expressões *drama andreion* e *drama gynaikeion* (451 b). E, ao prescrever que a educação da mulher deverá ser semelhante à do homem, para que possam executar as mesmas tarefas, diz que talvez o que afirmou pareça ridículo e contrário aos costumes (*geloia para toethos*). Mas conclui que não devem temer a troça dos gracejadores (*tatonkharientonskommata*) sobre

* Professora Associada na Universidade Federal do Ceará, tradutora.
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 84-87, 2016.

tão grandes mudanças referentes aos exercícios de ginástica, à música, ao porte de armas e à condução de cavalos.

Observamos, entretanto, que todo esse cenário de revolução já estava presente nas outras duas comédias femininas de Aristófanes de 411 a. C. Na *Lisístrata*, as mulheres são representadas como verdadeiras guerreiras. Lampito, a líder espartana, justifica sua boa forma física com a ginástica; os velhos do coro dizem que as mulheres montam (numa referência obscena) muito melhor do que os homens e exemplificam com as Amazonas, guerreiras ferozes. As mulheres vencem os guardas citas numa luta corporal; Lisístrata afirma que mesmo sendo mulher é inteligente. Em *Tesmoforiantes*, há a discussão do gênero biológico e literário. O poeta trágico Agatão diz que se veste de mulher para compor uma peça feminina (*drama gynaikeion*). As duas comédias afirmam que as mulheres são aptas para participarem do governo da cidade.

Com a tradução de *Assembleia de mulheres* concluiremos a trilogia cômica de Aristófanes, já tendo traduzido as outras duas comédias, *Lisístratae Tesmoforiantes*. Em português, temos duas traduções mais difundidas da peça: uma portuguesa, de Maria de Fátima Sousa e Silva, *As mulheres no Parlamento*, e outra brasileira, de Mário da Gama Kury, *A revolução das mulheres*, ambas de 1988. A tradução brasileira, apesar de fluente, contém cortes e significativas alterações no final da peça, comprometendo sua interpretação. Os dezoito versos iniciais do monólogo de Praxágora, que apresentaremos a seguir na nossa proposta de tradução, foram cortados da tradução de Mário da Gama Kury, que traduz Praxágora por Valentina.

Trata-se de uma apologia à lamparina, como uma confidente dos segredos femininos, sejam eles amorosos, de depilação, que era feita com as chamas da lamparina, ou de assalto à despensa (em vez da geladeira de hoje), especialmente pelo vinho, a que as mulheres na comédia são extremamente apegadas. Nesse minúsculo trecho, Aristófanes conseguiu retratar o feminino como já havia feito nas outras duas comédias e também parodiar os prólogos trágicos.

Texto original em grego:

Πραξάγορα

ἽΩ λαμπρὸν ὄμμα τοῦ τροχηλάτου λύχνου
 κάλλιστ' ἐν εὐστόχοισιν ἐζητημένον:
 γονάς τε γὰρ σὰς καὶ τύχας δηλώσομεν:
 τροχῶ γὰρ ἔλαθεις κεραμικῆς ῥύμης ὑπο
 δμυκτῆρσι λαμπρὰς ἡλίου τιμὰς ἔχεις:
 ὄρμα φλογὸς σημεῖα τὰ ξυγκείμενα.
 σοὶ γὰρ μόνῳ δηλοῦμεν εἰκότως, ἐπεὶ
 κὰν τοῖσι δωματίοισιν Ἀφροδίτης τρόπων
 πειρωμέναισι πλησίον παραστατεῖς,
 Ἰολορδομένων τε σωμάτων ἐπιστάτην
 ὀφθαλμὸν οὐδεὶς τὸν σὸν ἐξείργει δόμων.
 μόνος δὲ μηρῶν εἰς ἀπορρήτους μυχοὺς
 λάμπεις ἀφεύων τὴν ἐπανθοῦσαν τρίχα:

στοάς τε καρποῦ Βακχίου τε νάματος
 15πλήρεις ὑπογνύσαισι συμπαραστατεῖς:
 καὶ ταῦτα συνδρῶν οὐ λαλεῖς τοῖς πλησίον.
 ἀνθ' ὧν συνείσει καὶ τὰ νῦν βουλευματα
 ὅσα Σκίροις ἔδοξε ταῖς ἐμαῖς φίλαις.

(Aristophanes. *Aristophanes Comoediae*, ed. F.W. Hall and W.M. Geldart, vol. 2. F.W. Hall and W.M. Geldart. Oxford. Clarendon Press, Oxford. 1907.)

Nossa proposta de tradução:

Praxágora

Ó brilhante olho da arredondada lamparina
 belíssima obra em mãos certas almejada.
 tuas origens e destinos mostraremos
 em roda de barro conduzida pela rapidez
 nas narinas tens brilhantes funções de sol.
 Envia de chama os sinais combinados.
 Pois só a ti mostramos com razão, porque
 quando na alcova os modos de Afrodite
 experimentamos perto de nós ficas,
 ao dobrarem-se os corpos, ali está
 o olho teu e ninguém te expulsa do quarto.
 e só tu as secretas profundezas das coxas
 iluminas queimando os pelos fluorescentes.
 E despensas de fruto e de fonte de Baco
 cheias ao abrirmos em segredo estás junto.
 E disso tomando parte não falas aos vizinhos
 Diante disso saberás ainda as tramas atuais
 que nos Ciros combinei com as amigas.
 [...]

Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva:

Praxágora (à lamparina que agita na mão)
 Ó disco fulgurante...da minha lamparina bem torneada,
 Obra primorosa de uma mão de artista,
 É a tua raça e o destino o motivo do meu canto.
 Modelada na roda do oleiro, em seu rodopio,
 As tuas narinas de raio de sol têm a função.
 Envia, com o teu brilho, os sinais combinados.
 A ti só o podemos confiar; e com toda justiça, porque,

quando, na intimidade do quarto, ensaiamos
 as poses de Afrodite, tu ali estás a nosso lado;
 e, na hora em que os corpos se dobram no amor, o teu olho
 lá fica de plantão e a ninguém passa pela cabeça pô-lo pela porta fora.
 Só tu iluminas as profundezas secretas das nossas coxas,
 Para depilares a penugem que lá floresce.
 E quando, à socapa, abrimos a despensa bem fornecida
 De vinhaça e farta de grão, tu és nossa cúmplice.
 Mas lá por tomares parte nestas andanças, não vais para a vizinhança dar com a
 língua nos dentes.
 Aí está porque mereces ser confidente do projecto que anda na forja,
 O tal que, nos Ciros, ficou alinhavado com as minhas amigas.
 [...]

(ARISTÓFANES. *As mulheres no Parlamento*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988)

A tradução portuguesa traz o texto sem cortes e com introdução e notas. Ela vem em prosa, apesar de marcar o número dos versos regularmente. A colocação em forma de versos foi feita por nós, para compará-la à nossa proposta de tradução, que traz o texto em verso, mantendo na medida do possível a ordem das palavras, em especial a primeira de cada verso, dificultando o processo de tradução, mas buscando uma maior aproximação ao texto em grego clássico.